



## Jardim tropical

*Enquanto os jardins ingleses brotam em abundância no Brasil, os tropicais pedem para ser resgatados.*

por ISABEL DUPRAT

**A**LÉM DAS FRONTEIRAS das bananeiras e palmeiras, que curiosamente adoíram uma pejorativa conotação folclórica, nossa flora tropical se constitui num mundo exuberante e ativo, riquíssimo em associações vegetais que tanto fascinaram os viajantes botânicos no início do século passado, que para cá vieram, atraídos por esse inesgotável repertório natural a ser descoberto e reconhecido.

Neste contexto, François Glaziou - integrante da Missão Francesa - vem ocupar, a convite de D. Pedro II, o cargo

de diretor-geral das Matas e Jardins do Rio de Janeiro. De seus projetos destacaríamos a Quinta da Boa Vista e o reflorestamento da Floresta da Tijuca, quando então introduz os princípios do jardim naturalista inglês, trazidos na sua bagagem profissional e pela primeira vez a flora autóctone como elemento plástico na



PAULO FREEMAN

concepção do projeto paisagístico. Nasce, assim, o jardim tropical, feito por um francês, à moda inglesa.

Um século se passou, até que Roberto Burle Marx, então estudante de pintura, redescobre a floresta tropical em visita às estufas do Jardim Botânico de Berlim. De volta ao Brasil no final dos anos 20, inicia uma vida dedicada ao estudo apaixonado da nossa flora, por ele domesticada em imenso acervo de elementos capazes de infinitas associações, respeitadas as suas características ecológicas. Assim nos foi docemente apresentada a natureza tropical, como obra-prima, traduzida plástica e esteticamente em sua espontaneidade plena, e em todo seu esplendor florístico, pelo olhar sensível e pelo saber do artista; resultado apenas possível a partir de um pro-



Ilustrações de Margareth Mee, registro da flora tropical, no alto, acima à esquerda e abaixo à direita; foto acima, jardim tropical da casa de Ricardo Afalo, em Ilhabela.

#### Endereços

Conheça alguns dos paisagistas que criam os jardins tropicais: Neiva Paisagismo, São Paulo: Av. Europa, 829, tel.: (011) 852-1977; Wilma e Naila Paisagismo, São Paulo: Rua General Fonseca Teles, 339, tel.: (011) 887-8154; Cookie Richers, Rio de Janeiro: Estrada dos Bandeirantes, 25123, Vargem Grande, Sítio dos Morrinhos, tels.: (021) 437-8689 e 322-1553; Divaldo Rocha Filho, Belo Horizonte: Av. Raja Gabaglia, 4678, e Rua Olaria, 805, tels.: (031) 342-2195 e 385-1900/2663.

CONTINUA NA PAG. 86

## JARDIM TROPICAL

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 32

fundo conhecimento do objeto. O jardim tropical, por equívoco transformado num modismo fugaz, hoje só encontra receptividade se adaptado a situações onde a rusticidade e a natureza rebelde se fazem aceitáveis. É, no entanto, e antes de tudo, uma experiência estética e cultural através da qual nos apropriamos desta nossa imensa riqueza natural. E ainda que fosse esta a única razão, devemos resgatá-lo.

**Citações.** "Passamos nossos dias na floresta, usufruindo a beleza das árvores frondosas e das criaturas que vivem sob sua proteção". "Há flores para se pintar em quantidade: as flores rosas e brancas da Gustávia augusta, as vermelhas e roxas da delicada orquídea *Rodriguezia secunda* e as delicadamente perfumadas do *Epidendrum fragrans*". "Para todo lugar que olharmos na floresta úmida, achamos bromeliáceas, a maior parte crescendo sobre as árvores ou ramos, como se estivessem ali fixadas por mágica", Margaret Mee.

"Através do jardim, da planta brasileira, experimento construir um espaço da respiração e da reflexão, procuro uma forma de identificar-me com aqueles que buscam, na vida, maiores possibilidades de equilíbrio ou, pelo menos, disposição na perseguição desse objetivo", Roberto Burle Marx.

função prática. A maior parte dos móveis é de alvenaria, salvo um arquivo antigo que restou de um hotel, em madeira, e uma tumba deixada num velho armazém. Uma ou outra cadeira solta, alguns tapetes de Bali e dezenas de vasos fartamente arranjados com flores nativamente arrematam o que ela chama de uma despojada decoração. Mesmo os tecidos dos estofados não fogem à simplicidade, feitos de tecido de forração para colchão.

Tudo isso, que hoje se vê pronto, foi construído ao longo daqueles doze anos. Adriana conta que sua única fonte de inspiração foram as casas da região, numa pequena pesquisa estética que ela andou fazendo pela ilha.

Nesses anos, Adriana mais acrescentou coisas que modificou, na casa. Mudança mesmo foi só o puxar da varanda que passou a abrigar a cozinha, para que esta se integrasse com o mar e a natureza. "Para que a gente pudesse tomar café vendo o mar", conta.

Na varanda, Adriana ainda aproveitou os batentes e pilares para fixar pontos para apoiar rede, num jogo que chega a permitir 64 combinações de colocação. Não há como não se integrar. Se a falta de luz elétrica já faz com que as pessoas tenham que se procurar, o jogo das redes completa a brincadeira. Sem luz artificial, o grande programa do fim de tarde, por exemplo, é ver o sol que, naquele trecho da ilha, se deita no mar. "O fim de tarde aqui é bucólico", define Adriana.

## NATUREZA ÍNTIMA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 32

interferir mais, "rolar a bola", como diz Fabrizio, no interno deve proporcionar, ao usuário, seu perfeito ajustamento ao ambiente. Se ele não gosta de borboletas só restará ao arquiteto dois caminhos: convencê-lo de que elas são inofensivas e telúricas, ou, então, vedar as frestas.

## A LUZ DE VELAS

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 32

Ilhabela, um caráter de paz e tranquilidade. E nisso se inclui a praticidade. Ao contrário de seu apartamento, um belo cartão de visitas do que a *designer* cria e comercializa, a casa da ilha não tem ornamentos que não carreguem também uma

## TEATRO DAS ARTES

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 37

co. Não fosse a claridade dos móveis e das paredes, para criar o justo contraste que ressalta as peças, e só faltaria uma bruma para velar as peças como relíquias perdidas num espaço fora do tempo. Longe de qualquer sensação de mistério, o que acontece nesse apartamento é mais uma reverência, um reconhecimento das manifestações artísticas que, a seu modo, chegaram em resultados felizes.

Mas é bom, antes que se conclua, esclarecer que o papel desses personagens não é o de peças de museu. E sempre acaba havendo uma certa integração entre o mármore esculpido e a CD.

## CINÓGRAFO DO TEMPO

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 37

a nata da aristocracia europeia e milionários do mundo inteiro leriam parte de seu seleto rol de clientes.

Mongiardino admite que suas adaptações dos estilos históricos são nostálgicas, mas estão sempre um passo à frente. Ele é veementemente contra os *zampori* esquetematizados de cores e as disposições convencionais dos móveis – o sofá entre duas mesas em frente à lareira e assim por diante.

Com Mongiardino nasceu a chamada Grande Decoração. Ele é o mestre nessa arte e, sem dúvida, o mais grandiloquente. Não é à toa que seja o preferido dos poderosos do mundo inteiro. Seus ambientes são cenários perfeitos para vidas bem-sucedidas.

## ENCHANTED COTTAGE

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 38

a charmosa escada em forma de espiral foi inteiramente refeita. Um desenho de J. S. Alpinny, datado de 1814, serviu de guia para a restauração do intrincado alpendre em forma de galho que enfeitava as varandas. As treliças descobertas da fachada foram reaplicadas com a mesma planta que sustentavam originalmente. Enquanto isso, começaram as pesquisas dos interiores do século 19. A pouca informação disponível indicava que, apesar de pouco mobilizadas, as *cottages* ornês geralmente apresentavam uma impressionante riqueza de detalhes. Um exemplo disso é o papel de parede da sala de estar, tão precioso que era peça de coleção de um especialista. Para a restauração das paredes dos outros ambientes, Sally Aall, depois de exaustiva pesquisa, descobriu o californiano Garth Benton, especializado em pintura de segmentos perdidos de papéis de paredes e murais. Seu trabalho no Chalé Suíço demorou mais ou menos um ano para ser completado. O mobiliário de época foi encontrado no Victoria & Albert Museum. Um jogo de cadeiras do século 18 entalhado em madeira foi emprestado pelo museu que inclusive indicou o artesão William Kelly da oficina de Sussex para a reprodução das peças. O novo serviço de jantar foi criado especialmente pela Tiffany. A reforma do Chalé Suíço de Conty Tipperary, um projeto tão romântico quanto sua própria construção, foi concluída e a casa está hoje aberta ao público como referência histórica e artística.

## O SABER ARTESANAL

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 38

bellano foi responsável pela formação de uma geração de artistas que, como ele, acabariam por operar uma transformação estética radical nas feições da cidade.

Quando Rebellano montou sua própria oficina, na década de 30, seu prestígio era muito grande. Apaixonado pela escultura, ele realizou trabalhos para Bresserete, Emendabile, Bruno Giorgi e Luis Morecno. "Quando estamos diante de uma escultura", comenta Evaldo Rebellano Luqui, neto do mestre artesão e atual proprietário da fundição, "raramente nos damos conta que existe ali o trabalho de um outro artista que é o artesão responsável pela beleza e equilíbrio do conjunto. É, pois, impossível dissociar a história dos grandes monumentos e esculturas das vidas dos mestres, seus realizadores."

mente, a *Comenda Firmitas* está sob a supervisão da quarta geração de aprendizes dos velhos mestres.

**Serralheria Artística** • Luciano Michi, tel.: (011) 93-0026, São Paulo. Luciano Michi iniciou o ofício de serralheiro em 1929, aos 11 anos de idade, na Polizotto e Cia. Ltda., uma conceituada oficina que, na época, prestava serviços ao *Luceo de Artes e Ofícios*. Trabalhando lado a lado com os mestres artesãos europeus, Luciano tornou-se um deles, dominando o ofício e a arte da ornamentação em ferro forjado. Em 1947, ao lado da mano Augustina, Luciano montou a Michi e Irmãos Ltda., executando portas, vitros, mesas e guarda-chuvas para os cinemas Rio e Bristol e para particulares, além de armações para os vitrais de *Comenda Sargenicht F*. Atualmente, o mestre Luciano Michi executa portas, janelas, lustres e armações para vitrais sob encomenda.

**Cerâmica Artística** • Oficina Cerâmica Francisco Brennand S/A. Propriedade Santos Casse e Damião Várzea, tel.: 271-2406 e 271-2623, Recife, Pernambuco. Segunda geração de ceramistas, o artista plástico Francisco Brennand iniciou a sua "aventura cerâmica" - expressão por ele utilizada - na década de 70, a partir de idéias que o pai havia desenvolvido no contato com os ofícios ceramistas portugueses de sua oficina, e nos trinta anos em que realizou pesquisas no interior nordestino em busca de matéria-prima. Além de peças, a oficina de Francisco Brennand concebe e executa murais, porticos e tapetes cerâmicos assinados pelo artista. • Megume Yuasa (Cerâmica Arsan), Av. Brasil, 1594, tel. (011) 881-8655.